

## O GENITIVO

Prof. Dr. Amós Coêlho da Silva  
(UERJ)

### 1 - INTRODUÇÃO

A gramática latina seguiu o modelo gramatical grego. Assim, a expressão *casus rectus, caso reto*, é uma tradução latina do grego *πτῶσις ὀρθή, ptôsis orthé*, e designava uma posição vertical para o nominativo, ou seja, o sujeito, o predicativo ou atributo da oração. Os outros casos se distanciariam do prumo vertical: *casus obliqui, casos oblíquos*. Em grego era *πτῶσεις πλάγιοι, ptôseis plágiai*.

Mas havia nestes dois dialetos indo-europeus características linguísticas particulares que não foram consideradas pelos próprios gramáticos latinos. Adotaram, para o dicionário, o genitivo como a forma indicativa dos casos oblíquos. Na verdade, a vogal temática latina estava bem delineada no ablativo. Foi isso mesmo que Varrão (*Marcus Terentius Varro*, 116-27 a.C.) demonstrou no *De Lingua Latina* (X, 62):

...initium facere oportebit ab sexto casu, qui est proprius Latinus: nam eius casuis [no aparato crítico vem: A. Sp.; cassuis Meu.; for casus his] litterarum discriminibus facilius reliquorum varietatem discernere poterit, quod ei habent exitus aut in A, ut hac terra, aut in E, ut hac lance, aut in I, ut hac clavi, aut in O, ut hoc caelo, aut in U, ut hoc versu. Igitur ad demonstrandas declinationes biceps via haec. ...deverá iniciar do sexto caso, que é peculiar em Latim: porque pela diferença das letras (hoje diríamos vogais temáticas) deles, poderá discernir mais facilmente a variação entre os restantes, porque eles terminam ou em A, como o ablativo 'terra'(terra), ou em E, como o ablativo 'lance' (prato), ou em I, como o ablativo 'clavi'(chave), ou em O, como o ablativo 'caelo' (céu), ou em U, como o ablativo 'versu'(verso). Portanto, para demonstrar as declinações há este caminho, que provém deste duplo ponto de partida.

Deve-se partir do sexto caso<sup>1</sup>. Ora, o grego reduziu os casos indo-europeus a cinco e não tinha o ablativo. O latim, a seis: nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo. O ablativo, que só exprimia inicialmente separação e afastamento, absorveu o antigo instrumental, que significava o meio pelo qual se pratica uma ação, e o locativo, que expressava o lugar onde se está.

### 2 – GENITIVO

Émile Benveniste cita como notável o trabalho de A.W. de Groot, capítulo: *Classification of the uses of case illustrated on the genitive in Latin* (p. 8-65), in: *Lingua*, VI (1956). Ele reduziu a oito empregos a confusa classificação comum a vários manuais de gramáticas latinas, como se segue abaixo:

1 Não havia a denominação ablativo na época de Varrão.

**I – Nome ou grupo de nomes adjuntos a um nome.**

- a. Genitivo próprio: *eloquentia hominis* [= a eloquência do homem]
- b. Genitivo de qualidade: *homo magnae eloquentiae* [um homem de grande eloquência]

**II – Adjunto a um “substantival” (pronome, adjetivo, etc.)**

- c. Genitivo com um conjunto de pessoas: *reliqui peditum* [= o restantes dos soldados]

**III – Conjunto (complemento) de uma cópula**

- d. Genitivo do tipo de pessoa: *sapientis est aperte odisse* [= estar abertamente descontente é próprio do sábio]

**IV – Adjunto a um verbo (não a uma cópula)**

- e. Genitivo do projeto: *Aegyptum proficiscitur cognoscendae antiquitatis* [= parte para o Egito para conhecer a antiguidade]
- f. Genitivo de localidade: *Romae cōsules creabantur* [= os consules de Roma eram nomeados]

**VI – Adjunto a um particípio presente:**

- g. Genitivo com um particípio presente: *laboris fugiens* [= fugindo do trabalho]

**V – Independente**

- h. Genitivo de exclamação: *mercimoni lepidi!* [= ah! Que mercadoria boa] (1995:151)

Émile Benveniste comenta ainda alguns óbices como o *genitivo de localidade* que “encobre o ‘locativo’ da sintaxe tradicional, isto é, o tipo *Romae* [= em Roma].” O uso deste locativo ocorre com nomes próprios de lugares, quanto à classe de palavras. Quanto à classe semântica, usa-se com nomes de cidades e de ilhas. Não se usa para outra classe de nomes próprios, como *Thais Menandri*, que é indicativa do significado de Taís a) filha, b) mãe, c) esposa etc. de Menandro (1995: 153). E não se encontra em nomes de continentes, de montanhas etc. Por isso, a denominação “genitivo de localidade”.

O “genitivo de exclamação” está particularizado como um genitivo “independente”, ou seja, não é um determinante de nenhum outro termo na oração. Ao contrário, ele mesmo é determinado por um adjetivo: *mercimoni lepidi!*, *Ah! que mercadoria boa!* Em toda a latinidade citam-se apenas seis ou sete exemplos.

Em Plauto, que se caracteriza pelas exclamações, são dois. Em *Catulo*, um. Em *Propércio*, também um e outro em *Lucano*. Os outros dois são de autores cristãos. Para *Riemann*, trata-se de exemplos poéticos, sem dúvida imitados do grego, já que em grego é tão comum. Por essa razão, é um emprego esporádico e de uso pouco produtivo.

Como o “genitivo de projeto” se apresenta baseado no critério comparativo e a comparação foi com um único exemplo retirado das *Tábuas Eugubinas* VI a 8

e aceitação não é pacífica, o melhor é considerar a construção latina em si mesma. Não se pode abdicar da construção gerundiva: adjetivo + *-ndus*. Em Terêncio, *Ad.*, 270: *uereor coram in os te laudare amplius / ne id assentandi magis quo habeam gratum facere existumes, temo louvar-te mais estando na tua presença, por medo de que creias que ofaço por lisonja mais que por gratidão*. Assim, como no recente exemplo “facere” e “quo [ut ou quia] habeam” orientam a intenção do genitivo “assentandi”, também Liv., IX, 45, 18: *ut Marrucini mitterent Romam oratores pacis petendae* [=que os marrucinos enviassem a Roma oradores para pedir a paz] tem em “mittere” a orientação de intenção / fim para o sintagma “pacis petendae”. De modo que há termos, como “orator [= orador]”, cujo campo semântico pre-dispõe um determinante nominal em genitivo: *foederum, pacis, belli, indutiarum oratores fetiales* [oradores feciais de tratados, de paz, de guerra, de tréguas](Cíc. *Leges*, II, 9) Por esse motivo, pode-se dizer *orator pacis, embaixador encarregado de pedir a paz*. Por exemplo: *ad senatum pacis oratores missi*, [= enviados ao senado oradores encarregados de pedir a paz] (Liv. IX, 43)

Do mesmo modo se dá com o verbo *esse* que cria um elo de “pertencimento”<sup>2</sup> para o genitivo predicado em: *cetera minuendi luctus sunt, as outras (disposições legais) são destinadas a diminuir o luto* (Cíc.). Esse emprego se estende ao “genitivo do tipo de pessoa”: *pauperis est miserorum ut inuideant bonis*, [é típico dos miseráveis que invejam os homens de bem]; *constat uirorum esse fortium toleranter dolorem pati*, [consta ser típico dos homens fortes tolerar a dor com a paciência].

Na abordagem do “genitivo com um particípio presente”, devemos interpretar uma derivação do sintagma: verbo transitivo direto, ou seja, verbo mais acusativo, como *laboris fugiens cupiens nuptiarum, negligens religionis* [= fugindo do trabalho, desejando as núpcias, negligenciando a religião] que provêm de *fugere laborem, cupere nuptias, negligere religionem*, [fugir ao esforço, desejar as núpcias, negligenciar a religião]. No caso de verbos intransitivos vai ocorrer nominativo, em vez de acusativo. Vejamos: *aduentus consulis* vem de *consul aduenit* [a chegada do cônsul e o cônsul chega]. Assim, também *ortus solis* de *sol oritur* [o nascimento do sol e o sol nasce]. Portanto, quanto ao tradicional “genitivo subjetivo e objetivo”, se distingue em latim é, de fato, pela transitividade do verbo: *animus patitur*, [paciência da alma] e *animus patitur*, [a alma sofre], entretanto, *patientia doloris*, [paciência à dor] < *pati dolorem*, [sofrer a dor].

Enfim, pelo esboço exposto acima, se deduz que a função do genitivo é transpor um sintagma verbal em sintagma nominal. Pode-se dizer que o genitivo é o caso responsável pela função na transposição entre dois nomes ou para nominativo, ou para acusativo, conforme a transitividade verbal.

2 Na regência de “esse” deve-se distinguir “pertencimento” de “posse”. O primeiro vai para genitivo: *haec aedes regis est, esta casa pertence ao rei; hominis est errare, errar é típico do homem* - e o segundo, dativo: *est mihi liber, tenho um livro*.

É desse modelo transposto – do verbo ao nome – que se fixou o “modelo” genitivo geral: *somnus pueri, mos pueri, etc.*, [o sono do menino, o costume do menino etc.], em analogia com: *ludus pueri* < *puer ludit*, [=o brinquedo do menino, o menino brinca]; *risus pueri, puer ridet* [=o riso do menino, o menino ri].

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas- SP: Pontes. Vols. I e II.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J.Ozon, s/d.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. *Princípios de lingística Geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

COLLART, Jean. *Varron Gramairien Latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1954.

\_\_\_\_\_. et alii. *Varro: Grammaire Antique et Stilistique Latine*. Paris: Lês Belles Lettres, 1978.

KENT, R. G. *Varro on the Language. In two volumes*. London: William Heinemann, 1951.

ROBINS, R.H. *Pequena História da Linguística*. Tradução Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.